

---

## DIÁLOGOS ENTRE OS CONCEITOS DE PRÁTICAS COTIDIANAS, TERRITORIALIDADE E TERRITORIALIZAÇÃO

## DIALOGUES BETWEEN THE CONCEPTS OF DAILY PRACTICES, TERRITORIALITY AND TERRITORIALISATION

*Ana Tereza Freitas de Lapedra*<sup>7</sup>

*Elisa Yoshie Ichikawa*<sup>8</sup>

**RESUMO:** Este artigo, de caráter teórico, tem por objetivo compreender como os conceitos de estratégias, táticas e conveniência em Certeau se conectam com os conceitos de territorialidade e territorialização em Raffestin, para explicar as práticas cotidianas dos indivíduos na vida em sociedade. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com autores que utilizam esses conceitos, assim como nas obras originais dos próprios Certeau e Raffestin. Portanto, esta pesquisa relaciona e conecta de maneira teórica os conceitos de Certeau e de Raffestin acerca de táticas, estratégias, conveniência, territorialização e territorialidade. Como resultados, verificou-se que os estudos de Certeau e Raffestin podem ser entrelaçados e complementados, uma vez que Certeau admite que o sujeito exerce práticas (táticas e estratégias) em seu cotidiano e, por meio delas, transforma o lugar em lugar praticado, ou seja, um espaço. Para Raffestin, o indivíduo atua sob o espaço (comparado ao lugar não praticado em Certeau), transformando-o em território (espaço de Certeau). Desta forma, verificou-se que trabalhar os conceitos de cotidiano e território, a partir desses dois autores auxilia

---

<sup>7</sup> Universidade Estadual de Maringá. Graduanda em Administração pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

<sup>8</sup> Universidade Estadual de Maringá. Graduação em Administração de Empresas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorado em Engenharia da Produção (UFSC). Pós Doutorado pelo Centro de Pós Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade de Minas Gerais (CEPEAD/UFMG).

---

no entendimento de como as práticas cotidianas influenciam nos processos de territorialização dos indivíduos em espaços por eles vivenciados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estratégias e táticas. Cotidiano. Conveniência. Territorialidade e territorialização.

**ABSTRACT:** This article, of theoretical character, aims to understand how the concepts of strategies, tatics and convenience in Certeau connect with the concepts of territoriality and territorialisation in Raffestin, to explain the daily practices of the people in society. Because of that, it was done a bibliography research in publications supported in these authors, and their original publications. As a result, it was found that the studies of Certeau and Raffestin can be intertwined and complemented, because Certeau admits that the person exercises practices, (tatics and strategies) in the daily life and, through them, turns the place into a practiced place, it means, a space. According to Raffestin, the person acts in the space (compared to the place not practiced place in Certeau), turning this into a territory (space of Certeau). Therefore, it was verified that working the concepts of daily life and territory, from these authors, helps on the comprehension of how the daily practices influence the processes of territorialisation of the people in the spaces territorilized by them.

**KEYWORDS:** Strategies and tatics. Daily life. Convenience. Territoriality and territorialisation.

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos de Certeau (2012) sobre práticas cotidianas não são exatamente uma novidade no campo dos Estudos Organizacionais. Diversas pesquisas têm tentado enfocar os conceitos de estratégias e táticas (SHIMADA, 2014; BERNARDO, 2014; BERNARDO; SHIMADA; ICHIKAWA, 2015; GOUVÊA; ICHIKAWA, 2015; GOUVÊA, 2014; CABANA, 2014; CABANA; ICHIKAWA, 2017), embora poucas (como a de GAFFURI, 2016) tenham trabalhado com o conceito de conveniência. À

medida que se avança na leitura dos textos e na consecução dos trabalhos, nota-se a complexidade dos temas trabalhados pelo autor, uma vez que, ao contrário do que pareça num primeiro momento, Certeau (2012) não entende esses conceitos de forma binária ou maniqueísta como uma leitura desavisada possa parecer num primeiro momento (estratégia como sendo arte do forte, tática como arte do fraco, e assim por diante).

Além disso, Certeau (2012), partindo de uma crítica a Foucault (1987), apropria-se de muitas das ideias deste autor e complexifica seus conceitos. Para Certeau (2012) e Certeau, Giard e Mayol (2012), as artes de fazer são envoltas em relações de poder em que o homem ordinário está imerso para criar o seu cotidiano. Compreende-se, portanto, os conceitos certeunianos de conveniência, estratégias e táticas, como práticas do homem ordinário para que em sua vida haja o reconhecimento de um espaço como seu, sendo que esse reconhecimento também é envolto em relações de poder.

Com base na literatura pertinente sobre o assunto, acredita-se que se pode chamar esse movimento cotidiano, portanto, de territorialização. Soja (1971) afirma que um território é exclusivamente dependente do ser humano, em que cada sujeito cria seu espaço de atividades e, conforme o seu contexto individual, executa diariamente suas práticas cotidianas.

Assim, a territorialização é esse movimento de se reconhecer num dado território, e está intimamente ligada à prática cotidiana. É um conceito que ajuda a entender o que é o cotidiano, principalmente se analisada a partir da vertente de Raffestin (1993). Este autor traz a ideia de que para o sujeito, o espaço representa um campo de diversas possibilidades (RAFFESTIN, 1993). No entanto, nunca existe apenas um sujeito: é a relação social o que tornará a imagem do espaço verdadeiramente um território, ou seja, entende-se que territorialização está vinculada às relações sociais (de poder) e práticas cotidianas. A territorialização pode ser compreendida por Raffestin (1993) como um processo, ainda que não decorra de forma linear e que se demonstre de formas concretas e/ou simbólicas, por meio do jogo de sinais e códigos, que tem como seu desfecho a territorialidade.

Desta forma, com base nas possibilidades desse avanço teórico – de ligar os conceitos de práticas cotidianas de Certeau com o de territorialização de Raffestin, o problema de pesquisa que pretende-se responder neste artigo é: como os conceitos de estratégias, táticas e conveniência em Certeau e territorialidade e territorialização em

---

Raffestin se conectam para explicar práticas cotidianas dos indivíduos na vida em sociedade?

Este trabalho inova por trazer um quadro referencial que, se individualmente não é completa novidade na área, ainda também não é totalmente compreendido. Tratam-se dos conceitos de cotidiano em Certeau (2012) e Certeau, Giard e Mayol (2012) e também de territorialização (RAFFESTIN, 1993). São conceitos que vêm de outras áreas do conhecimento, mas que pouco a pouco adentram nos Estudos Organizacionais para que se possa melhor compreender os "objetos" de estudo e ver outros ângulos de análise, diferentes daqueles que são preconizados pelo *mainstream* da área.

O artigo está organizado da seguinte maneira: além desta Introdução, no próximo tópico apresentar-se-ão os procedimentos metodológicos da pesquisa. Em seguida, falar-se-á sobre práticas cotidianas em Certeau, para depois se discutir espaço e território em Raffestin. Far-se-á um contraponto entre as ideias de Certeau e Raffestin, inserindo pontos de diálogo entre os dois autores, para enfim, apresentarem-se as conclusões do trabalho.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho compreende em uma pesquisa bibliográfica, ou seja, foram consultadas uma série de bibliografias já existentes a respeito dos temas abordados e então, formulada uma nova visão a respeito, gerando novas conclusões (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Nesse sentido, recorreu-se a dissertações, artigos científicos, bem como às obras originais dos autores abordados. Assim, primeiramente, (a) realizou-se a identificação dessas publicações; (b) depois as mesmas foram localizadas; sendo posteriormente (c) compiladas; e, realizando-se, por fim, (d) um fichamento dessas publicações (LAKATOS; MARCONI, 2003). Esse processo foi realizado em uma primeira etapa com as duas obras originais de Certeau (2012) e Certeau, Giard e Mayol (1996), bem como suas respectivas abordagens; e em uma segunda e última etapa, foi realizado o mesmo processo com a obra de Raffestin (1993) e suas abordagens.

---

Para a análise, foram realizadas leituras nas obras, num constante diálogo entre as ideias dos autores investigados, buscando encontrar pontos divergentes e convergentes dos conceitos abordados por eles.

### 3. AS PRÁTICAS COTIDIANAS AOS OLHOS DE CERTEAU

Michel de Certeau era um padre jesuíta que pesquisava sobre a história da Companhia de Jesus e a mística renascentista (CERTEAU, 2012). Apesar disso, sempre se apresentou muito aberto a outros estudos (CERTEAU, 2012). Exemplo disso é a análise que faz de Freud, a partir da psicanálise, que era uma ciência mal vista aos olhos dos religiosos por ser “dos ateus” (CERTEAU, 2012).

A partir da ocorrência da Revolução de Maio, em 1968, na França, Certeau despertou seu interesse pelo estudo da cultura, tentando analisá-la a partir do cotidiano: como ela se manifestava por meio desse processo lento de recriação do ser humano (CERTEAU, 2012). Dessa maneira, percebe a cultura como uma reinvenção constante do ser humano no cotidiano (CERTEAU, 2012).

Assim, sentiu-se incentivado pela revolução dos estudantes a analisar a sociedade contemporânea da época, discutindo autores como Foucault e Bourdieu (CERTEAU, 2012). Desse modo, Certeau concluiu que a cultura é plural, ou seja, a produção cultural do ser humano não é massificada e não pode ser generalizada, criticando o método quantitativo e expressando a necessidade de melhorar a forma de olhar para as pessoas, a fim de compreendê-las (CERTEAU, 2012).

Em sua obra, fica claro que o cotidiano, onde acontecem as práticas do homem ordinário, não é constante e nem linear como o que era proposto pelo senso comum: há a todo instante uma reapropriação dos lugares, pois, a partir do momento que o sujeito exerce suas práticas nesses lugares, ocorre uma reinvenção dos mesmos. Isto é, o lugar sem o sujeito é apenas um lugar não praticado; é o ser humano que lhe confere valor (CERTEAU, 2012).

Nesse sentido, Certeau (2012) volta o seu olhar para a recriação do ser humano no cotidiano. Por isso, muito do que se discute em suas obras são dribles (táticas) para que o homem ordinário possa fugir ordem imposta. A seguir, serão apresentados os conceitos de cotidiano, estratégias, táticas e conveniência estudados por Certeau (2012), que nos ajudam a compreender um pouco mais a respeito da obra do autor.

### 3.1. COTIDIANO

As práticas cotidianas, como a própria nomenclatura expressa, ocorrem no cotidiano e devido a isso, faz-se necessária uma primeira abordagem das implicações do conceito de cotidiano para Certeau, a fim de compreendê-las com mais clareza.

O cotidiano, segundo Certeau (2012) é tecido pelo “homem ordinário”, e é a partir desse sujeito autor de sua própria história que Certeau analisa o cotidiano. Segundo Gouvêa (2014), os sujeitos constroem uma identidade própria a partir das práticas cotidianas, não atuando apenas como meros reprodutores. Assim, é esse sujeito, o homem ordinário, que atua como (re)inventor do seu próprio cotidiano.

Mas afinal, o que é o cotidiano para Michel de Certeau?

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilhar), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, p. 31, 1996).

O cotidiano, segundo Certeau (2012), faz-se lentamente e é quase imperceptível. É nesse sentido que o pesquisador então deve estar atento a cada movimento do homem ordinário na tentativa de identificar e analisar suas práticas.

Para Certeau (2012), ao mesmo tempo que o cotidiano se apresenta como um processo lento e, por essa razão difícil de ser analisado, o mesmo também é dinâmico e está em constante mudança, uma vez que o homem ordinário o reinventa, recria-o, modifica-o, tudo a partir de suas práticas.

Nesse contexto, Certeau (2012) toma como objeto de seu estudo esse “herói comum”, o homem ordinário, partindo da crítica ao caráter cada vez mais quantitativo e generalizante em que se estuda o ser humano, em que os números são mais valorizados que as particularidades do indivíduo.

Diante disso, neste processo lento do cotidiano do homem ordinário é que ocorrem as práticas cotidianas, que Certeau define e distingue enquanto táticas e estratégias.

### 3.2. ESTRATÉGIAS E TÁTICAS: DISTINÇÕES ENTRE SUJEITOS PRATICANTES, MODUS OPERANDI E LUGARES PRATICADOS

A compreensão de estratégias e táticas se dá a partir de três aspectos: a maneira como ocorrem; quem as pratica; onde ocorrem. Entretanto, apesar das distinções que permeiam essas duas práticas, as mesmas coexistem e são dependentes entre si, uma vez que uma não existe sem a outra.

Assim, de acordo com as ideias de Certeau (2012), em espaços construídos por eles mesmos, os consumidores atuam, por meio das táticas e estratégias. Gouvêa (2014) também destaca que as práticas cotidianas permeiam os âmbitos da vida dos indivíduos, na busca por delimitar um espaço próprio.

Para definir quem são esses consumidores, cabe a explicação de uso e consumo segundo Michel de Certeau (2012). Enquanto Lefebvre e Heller, também pesquisadores do cotidiano, fazem uma crítica ao consumo capitalista na sociedade, Certeau (2012) fala do consumo das regras, das disciplinas, das ordens, de acordo com Gouvêa (2014). Assim, o homem está sujeito a todo momento às estruturas formais e Certeau (2012) se preocupa em analisar as táticas adotadas para driblá-las – e não explicar como funcionam, como Foucault o fez (GOUVÊA, 2014). Então esses consumidores, segundo Certeau (2012), configuram-se como o homem ordinário, que a todo momento se utiliza das regras e normas para recriá-las, não apenas as acatando passivamente.

Uma vez apresentado o sujeito praticante das práticas cotidianas, é necessário compreender como as mesmas ocorrem. Nesse sentido, Certeau define estratégia: “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado” (CERTEAU, 2012, p. 93). Dessa maneira, a estratégia é praticada pelo sujeito de poder e, além disso, é institucionalizada, operando de maneira calculista – uma vez que o poder permite esse cálculo.

Nessa conjuntura, define tática como: “a ação calculada que é determinada pela ausência do próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de

autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro” (CERTEAU, 2012, p. 94-95). Assim sendo, a tática é uma prática do fraco, ou seja, aquele que não possui poder – mas que nem por isso deixa de exercer sua arte e (re)produz diante daquilo que lhe é imposto. Além disso, a tática ocorre de maneira a aproveitar cada brecha: “Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (CERTEAU, 2012, p. 94-95).

Para clarificar a distinção entre tática e estratégia, Certeau destaca que “[...] a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder” (CERTEAU, 2012, p. 95). Também completa: “as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder” (CERTEAU, 2012, p. 96).

Assim, percebe-se que apesar de coexistirem, as estratégias e as táticas são fortemente distintas entre si. Enquanto a estratégia é praticada calculadamente, a tática parte do improviso. A estratégia é a arte do forte, que possui poder, a tática é a arte do fraco. A estratégia acontece no lugar próprio, a tática ocorre no lugar não-próprio. As táticas são subversões do sujeito às normas e às leis, ou seja, são formas de escape àquilo que se tenta impor ao homem ordinário, configurando-se como formas de recriação do próprio cotidiano.

Uma vez compreendidos os sujeitos praticantes do cotidiano e como operam as estratégias e as táticas, faz-se necessária a distinção de espaços e lugares, ou seja, onde essas práticas ocorrem de fato.

Nesse sentido, Certeau define lugares como: “a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 2012, p. 184); e define espaço como: “um lugar praticado” (CERTEAU, 2012, p. 184). Dessa maneira, as práticas cotidianas ocorrem no lugar, mas, por ocorrerem, transformam esse lugar em um espaço.

Um exemplo constante das práticas cotidianas – táticas e estratégias – que Certeau (2012) coloca em sua obra é o exemplo da linguagem. Para ele, a partir dela, percebe-se facilmente a recriação. A linguagem tem leis – estabelecidas e firmemente seguidas por meio da escrita –, ou seja, configuradas como estratégias. Contudo, dentre tantas



maneiras de “contornar” tais regras, o sujeito utiliza a linguagem falada, caracterizada nesse caso como uma tática da linguagem (CERTEAU, 2012).

Assim, as táticas e estratégias também se diferenciam com relação à condição de poder do sujeito. As táticas acontecem quando o lugar não é conhecido pelo sujeito, ou seja, são circunstanciais e ocorrem quando o sujeito está submetido a uma condição de não-poder. Tal condição de não-poder é estabelecida pelo lugar, que não é próprio. Entretanto, o homem ordinário se utiliza do tempo, isto é, do improviso e da astúcia para agir.

As estratégias, por sua vez, ocorrem quando o sujeito está provido de tempo e conhece o espaço, o que lhe confere uma condição de poder. Assim, o sujeito age sob um lugar próprio, fato que lhe atribui a condição de poder, fornecendo-lhe também uma visão privilegiada da situação, para que o mesmo aja a partir práticas calculadas.

Diante disso, as práticas cotidianas são realizadas da maneira que for mais conveniente ao sujeito, surgindo assim, o conceito de conveniência para Certeau (2012).

### 3.3. CONVENIÊNCIA

Segundo Certeau (2012), a conveniência é uma regra implícita que mantém o comportamento social em ordem. Nesse sentido, a conveniência está intimamente ligada aos valores educacionais herdados em um determinado grupo social: “[...] ela se encarrega de promulgar as ‘regras’ do uso social, enquanto o social é o espaço do outro, e o ponto médio da posição da pessoa enquanto ser público” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 49).

Assim, de acordo com os autores, a conveniência “[...] impõe uma justificção ética dos comportamentos, que se poderia medir intuitivamente [...]” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 49), isto é, compreende na maneira de agir do indivíduo que o mesmo julgue mais cabível naquela determinada circunstância.

Além disso, em sua obra, *A Invenção do Cotidiano*, volume 1, Certeau (2012) já introduz a ideia de conveniência ao tanger o tema da sucata: algo que não tem mais valor comercial, considerada desprezível, reinventa-se a partir da reapropriação, de acordo com as conveniências.

Nesse sentido, retomando os termos de uso e consumo, pode-se dizer que estes estão intimamente ligados ao conceito de conveniência. Para Certeau (2012), o consumo

não é passivo, pois há uma fabricação a partir das maneiras de fazer. Assim, o sujeito aceita e entende o que lhe é colocado de acordo com o que lhe convém, ou seja, existe a conveniência.

Nesse íterim, Certeau (2012) tenta desconstruir a figura do homem comum como um mero consumidor daquilo que lhe é imposto, revelando um sujeito fabricante, criador, autor, que transforma o que lhe é dado da maneira que lhe for mais conveniente.

Assim, Certeau (2012) faz uma analogia da conveniência com a colonização espanhola dos índios. Certeau (2012) afirma que mesmo aceitando e se submetendo às imposições dos espanhóis, os índios não foram totalmente submissos. A esse consumo que os índios faziam das imposições dos colonizadores Certeau (2012) dá o nome de bricolagem. Portanto, bricolagem é essa reapropriação das regras segundo aquilo que convém ao sujeito que pratica no cotidiano (CERTEAU, 2012).

No segundo volume de *A invenção do cotidiano – Morar, cozinhar*, escrito por Certeau, Giard e Mayol (1996), os autores colocam o exemplo do bairro para falar de conveniência. Sendo assim, no bairro, cada morador está sujeito a julgamentos constantes, ou seja, está sujeito às normas, mas não só aquelas formalizadas, mas também as implícitas pelo bairro. Além disso, o morador do bairro faz uma reapropriação deste espaço público, tornando-o um “espaço privado”, ou seja, próprio.

Verifica-se a conveniência como a lei que rege as práticas cotidianas, determinando-as. E essa reinvenção a cada dia que o sujeito faz dele mesmo, “a invenção do cotidiano” (título da obra de Certeau), comprove que o cotidiano não é apenas opressor, mas também inventivo.

Uma vez explicitado como ocorrem as práticas cotidianas e por meio de quais regras, resta saber onde elas ocorrem. Assim, além das definições já apresentadas de espaço e lugar para Certeau (2012), faz-se necessário um olhar mais profundo a respeito do campo físico de atuação do homem ordinário, que é muito bem analisado por Raffestin (1993).

#### **4. A EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO PELOS INDIVÍDUOS SEGUNDO RAFFESTIN**

Sabe-se que os indivíduos exercem suas práticas cotidianas no espaço. Entretanto, é necessário, assim como Certeau (2012) explicitou, distinguir o espaço praticado e o

não praticado. Nessa conjuntura é que se introduzem os estudos de Raffestin (1993) a respeito do espaço geográfico.

Assim, Raffestin (1993) traz uma nova visão da exploração do espaço pelos sujeitos. Tal exploração transforma o espaço em território – conceito semelhante ao espaço praticado sob a ótica de Certeau (2012). Além disso, a essa ação de exploração e utilização do espaço para Raffestin (1993) dá-se o nome de territorialização. Mais além, o resultado desse processo de territorialização é a territorialidade (RAFFESTIN, 1993).

Portanto, nesta seção deste artigo, será apresentado o conceito de territorialização e, posteriormente, o conceito de territorialidade para Raffestin (1993).

#### 4.1. A TERRITORIALIZAÇÃO DO ESPAÇO

Antes de compreender o conceito de territorialização para Raffestin (1993), torna-se conveniente fazer a distinção dos conceitos de espaço e território. À primeira vista, parecem conceitos indivisíveis, mas sob uma ótica mais profunda, percebe-se que estão interligados, mas se diferenciam em uma série de aspectos.

Sendo assim, como a própria denominação desta seção já deixa presumido, o espaço antecede o território (RAFFESTIN, 1993). O espaço é algo natural, mas no momento em que os homens atuam nele – por meio das relações, frequentemente marcadas pelo poder –, está submetido a um processo de territorialização (RAFFESTIN, 1993): “Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Nesse sentido, Raffestin enxerga a territorialização como um processo que tem como agentes os indivíduos e o poder como instrumento de realização. Assim, Dourado (2013) assume uma posição semelhante à de Raffestin (1993) ao afirmar que a origem etimológica da palavra território remete à apropriação, sendo este uma apropriação do espaço pelo indivíduo, havendo então, uma relação entre eles.

Além disso, a apropriação do território ocorre de maneira concreta ou simbólica (RAFFESTIN, 1993), explicada por Haesbaert (2004). Este autor coloca que o território está dotado de uma carga concreta do poder, estabelecendo-se domínios, limites e controle sobre o espaço (transformado em território). Ademais, a carga simbólica a que se refere Raffestin (1993) e Medeiros (2009) está compreendida na emanção do poder a partir da cultura, da identificação do indivíduo com o espaço, por meio do sentimento.

Neste ponto, torna-se indispensável a apresentação do conceito de poder para Raffestin (1993). Segundo ele, “o poder é a chave”, visto que todas as relações o têm como regente, não por uma aquisição, mas sim pelo simples exercício (RAFFESTIN, 1993, p. 58).

É válido ressaltar que Raffestin (1993) se baseia nas ideias obtidas por Lefebvre e Foucault para construir uma definição acerca de poder. Raffestin (1993) traz exemplos e explicações de poder nas relações, mas frisa as relações de poder principalmente presentes na territorialização.

Contudo, para Raffestin (1993), o produto deste processo constante de territorialização é a territorialidade. Por isso, a seguir são apresentados conceitos, bem como explicações a respeito da mesma.

Raffestin (1993) apresenta a territorialidade como um conceito dinâmico, uma vez que seus elementos constituintes (homens, relações e exterioridade) são voláteis à ação do tempo. Como dito antes, a territorialidade é o resultado do processo de territorialização. Entretanto, Raffestin (1993) destaca que os homens exercem o processo de territorialização simultaneamente à utilização do produto territorial. Assim, o produto da territorialização ocorre ao mesmo tempo que seu processo está acontecendo, conferindo identidade dinâmica à territorialidade.

Além disso, Raffestin (1993) define a territorialidade:

A territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema (RAFFESTIN, p.160-161, 1993).

Nesse sentido, a territorialidade para Raffestin também pode ser entendida como o ato da apropriação, ou seja, o meio pelo qual se produz a territorialização, bem como o conteúdo produzido no território (SHIMADA, 2015).

Assim, Raffestin (1993) aborda a territorialidade como uma prática social, apoiada em relações de poder e na experiência de cada ator do cotidiano no jogo da disputa pelo poder (SILVA, 2012).

Nesse aspecto, Milton Santos (2007) também afirma que o território é um espaço em que o indivíduo produz simbolicamente, ou seja, exerce territorialidade. Sendo

assim, Shimada (2015) destaca que a territorialidade não surge apenas da utilização do espaço físico, mas também das ações do cotidiano dos indivíduos.

Desse modo, uma vez explicitados os conceitos de Certeau (2012) de práticas cotidianas (táticas e estratégias), cotidiano e conveniência; bem como os conceitos de Raffestin (1993) a respeito de territorialidade e territorialização, faz-se necessária uma ligação entre esses conceitos, a fim de compreender ainda melhor as ações dos indivíduos.

## 5. O DIÁLOGO ENTRE OS CONCEITOS DE CERTEAU E RAFFESTIN

Nesta seção, tornar-se-á ainda mais claro o objetivo geral desta pesquisa. Serão apresentados os enlaces de todos os conceitos vistos até aqui. Sob um primeiro olhar, é complexo perceber o quanto os estudos de Certeau e Raffestin estão conectados. Entretanto, basta um olhar mais profundo para entender que esses autores não só estão entrelaçados conceitualmente, como também possuem conceitos complementares.

Nesse sentido, Certeau e Raffestin estão unidos principalmente pelo elo científico, onde os mesmos baseiam suas respectivas pesquisas em pesquisadores em comum, como Foucault. É a ciência mostrando seu caráter cada vez mais cumulativo.

Portanto, nesta parte do artigo, ocorre a junção dos conceitos de “práticas cotidianas (táticas e estratégias)” (CERTEAU, 2012); territorialidade e territorialização (RAFFESTIN, 1993). Com isso, far-se-ão comparações e interpretações de tais conceitos a fim de uní-los teoricamente.

Como já visto, é quase impossível tratar de práticas cotidianas sem abordar o cotidiano (CERTEAU, 2012). Então, torna-se também uma tarefa muito complicada a partir de agora tratar de territorialidade e territorialização para Raffestin (1993) sem contemplar esses conceitos no âmbito do cotidiano de Certeau (2012).

Para Certeau (2012), as táticas e estratégias ocorrem no mesmo conjunto espaço-tempo: o cotidiano. Neste momento, entende-se também que os processos de territorialidade e territorialização (RAFFESTIN, 1993) ocorrem no cotidiano, uma vez que tanto as práticas do homem ordinário (CERTEAU, 2012) quanto a territorialização do espaço (RAFFESTIN, 1993) são realizadas pelo sujeito, atuante como um (re)inventor do cotidiano (CERTEAU, 2012).

Apesar de distintos, os campos de atuação dos indivíduos para Certeau (2012) e para Raffestin (1993) apresentam algumas semelhanças. Para Certeau (2012), o lugar é o espaço dado pela natureza aos indivíduos. Segundo Raffestin (1993), o espaço é um local ainda não explorado pelo indivíduo. Por conseguinte, o lugar de Certeau é equivalente ao espaço de Raffestin.

A partir do momento que o indivíduo atua sobre o lugar, este lugar praticado se transforma em um espaço, segundo Certeau (2012), o qual tem o mesmo valor que o território de Raffestin (1993).

Sendo assim, todos os campos de atuação cotidiana dos indivíduos sofrem transformações humanas de acordo com as leis da conveniência originadas das práticas cotidianas dos indivíduos. Então, torna-se necessário um segundo olhar a respeito das práticas cotidianas, da territorialização e das suas equivalências.

Uma vez entendido como o cotidiano atua como um facilitador das práticas cotidianas (CERTEAU, 2012) e da territorialização (RAFFESTIN, 1993), faz-se necessário agora compreender como se relacionam então as práticas cotidianas de Certeau e a territorialização e a territorialidade de Raffestin.

O primeiro ponto em comum entre as práticas cotidianas (CERTEAU, 2012) e a territorialização e a territorialidade (RAFFESTIN, 1993) é que todas elas são praticadas pelo mesmo autor: o sujeito – ou “homem ordinário, herói invisível” para Certeau (2012).

Nesse sentido, quando o indivíduo atua no processo de territorialização do espaço (RAFFESTIN, 1993) o mesmo está realizando uma prática cotidiana (CERTEAU, 2012). Uma tática ou uma estratégia? Depende do campo de realização. Se a territorialização ocorre no espaço próprio definido por Certeau (2012), podendo ser planejada e calculada, tem-se uma estratégia. No entanto, se a territorialização está ocorrendo no lugar onde ainda não há domínio pelo sujeito (CERTEAU, 2012), tem-se uma tática.

Com isso, nota-se que o processo de territorialização de Raffestin (1993) ocorre independentemente da forma: tanto por meio da tática como da estratégia (CERTEAU, 2012). Então, conclui-se que para Certeau (2012) muito mais importa a maneira como é praticado o lugar (transformado em espaço); enquanto Raffestin (1993) não dá tanta ênfase à forma que ocorre a territorialização do espaço, mas sim ao fato de que ela ocorre. Para Raffestin (1993), tanto o “fraco” ou o “forte” territorializam o espaço. Para

Certeau (2012), tanto o “fraco” quanto o “forte” agem sobre o espaço, mas as práticas utilizadas (táticas ou estratégias) serão ponderadas de acordo com o lugar de atuação, se é o não um lugar próprio.

Nesta seção, destacam-se dois processos de práticas humanas. O primeiro de Certeau (2012), em que ocorrem as práticas cotidianas e a transformação do lugar em espaço. Nesse sentido, para Certeau (2012), o indivíduo atua no espaço a partir das táticas e das estratégias. Mas como isso ocorre? Qual regra permeia esse processo? A conveniência. É ela quem rege as relações e as práticas cotidianas, segundo Certeau (2012).

O segundo processo a ser descrito é o processo de territorialização de Raffestin (1993), que ocorre a partir das práticas dos indivíduos sobre o espaço que lhes é dado. Então, tem-se a formação do território e de seu produto-processo (assim chamado neste artigo por se apresentar como um produto da territorialização que ocorre simultaneamente ao seu processo). Qual a lei que rege a territorialização de Raffestin? O poder. É ele quem dita as regras, segundo esse autor.

Nesse sentido, conclui-se que podemos analisar o poder de Raffestin vendo muito das práticas cotidianas de Certeau, sejam estratégias, táticas ou mesmo a conveniência. Isso porque essas práticas atuam como regentes das ações dos indivíduos, estabelecendo limites e conferindo sentido aos processos. Tudo isso ocorre no cotidiano, que para os mais desatentos, são processos que passam quase despercebidos aos olhos. É nesse cotidiano, a partir de suas práticas, que o homem ordinário territorializa os espaços, dando-lhes significado, culminando o processo de territorialização e alcançando a territorialidade.

## 6. CONCLUSÕES E PROPOSTAS

A partir dos objetivos iniciais desta pesquisa, obtiveram-se resultados. O primeiro deles relacionado à identificação dos principais conceitos de Certeau: táticas, estratégias e conveniência. Nesse sentido, as táticas e as estratégias são classificadas como práticas cotidianas dos indivíduos, ou seja, ações do cotidiano que facilmente passam despercebidas, mas que possuem microcaracterísticas que devem ser analisadas com mais afinco.

---

Assim, a tática é a prática dos indivíduos que não atuam em seu próprio espaço: exercem suas práticas no espaço do outro, o que exige deles alto grau de improvisação, bem como uma operação sem cálculo, uma vez que a mesma deve ser operada golpe a golpe.

Entretanto, a estratégia pode ser mais calculada e os passos seguintes podem ser planejados com mais cautela, visto que os indivíduos que praticam a estratégia estão em seu espaço próprio.

Sendo assim, a conveniência atua tanto na tática quanto na estratégia, pois é a lei que rege as práticas cotidianas, ou seja, é uma ordem implícita que exerce influência sobre as ações dos indivíduos.

Em relação aos estudos de Raffestin acerca da territorialização e da territorialidade podemos dizer que a territorialização é o processo de transformação do espaço (algo natural) em território (o espaço praticado pelo sujeito). A territorialidade, por sua vez, é o produto das ações de territorialização, que surge concomitantemente às ações desse processo.

Esses resultados se vinculam com o objetivo principal da pesquisa realizada, de executar a conexão entre os conceitos que foram apresentados. Apesar de distintos, podem ser muito mais semelhantes do que parecem à primeira vista.

Tanto Certeau quanto Raffestin tratam de apenas um agente: o sujeito. A partir disso, este sujeito atua em um campo, que é o cotidiano, quase invisível. Então, para Certeau, o indivíduo exerce suas práticas – táticas e estratégias – no lugar, tornando-o, assim, um lugar praticado, ou seja um espaço. Percebe-se que o espaço (lugar praticado) em Certeau é o mesmo que o território em Raffestin. Nesse sentido, o território surge a partir do processo de territorialização do espaço (equivalente ao lugar não praticado em Certeau), resultando assim na territorialidade. É válido frisar que a territorialidade, apesar de produto, ocorre de forma simultânea ao processo (territorialização).

Ademais, todos esses processos e práticas dos indivíduos são regidos pela conveniência de Certeau e pelo poder de Raffestin. Estes são conceitos distintos, mas atuam de maneira semelhante ao influenciar as ações dos indivíduos em sociedade.

Portanto, a partir deste estudo, foi possível compreender a respeito das ações dos indivíduos no cotidiano para Certeau, observando-as de maneira mais atenta e identificando suas características. Além disso, pôde-se entender também o processo de territorialização em Raffestin, originando a territorialidade. Por fim, foi necessário e ao



mesmo tempo esclarecedor conectar os conceitos desses dois autores, uma vez que suas pesquisas se complementaram na compreensão deste tema.

## 7. REFERÊNCIAS

BERNARDO, Patrícia. *Cotidiano no trike e territorialidades na cidade*. 2015. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós Graduação em Administração (PPA), Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá, 2015.

BERNARDO, Patrícia; SHIMADA, Nayara Emi; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. O formalismo e o “jeitinho” a partir da visão de estratégias e táticas de Michel de Certeau: apontamentos iniciais. *Revista Gestão & Conexões*, v. 4, n. 1, jan./jun. 2015, p. 45-67.

CABANA, Rocío Del Pilar López. *Um estudo sobre as práticas cotidianas e a identidade da Feira do Produtor de Maringá – PR*. 2014. Dissertação Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

CABANA, Rocío Del Pilar López; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. As identidades ragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá. *Organizações & Sociedade* - O&S, Salvador, v. 24, n. 81, p. 285-304, Abr./Jun. 2017

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2012.

DOURADO, A. M. Território, territórios: identidade dos assentamentos de reforma agrária em questão. In: 14 Encuentro de Geógrafos de America Latina, Lima, 2013. *Anales...* Perú: Unión Geográfica Internacional , 2013. Disponível em:<

[http://www.egal2013.pe/wpcontent/uploads/2013/07/Tra\\_Auceia-Matos-Dourado.pdf](http://www.egal2013.pe/wpcontent/uploads/2013/07/Tra_Auceia-Matos-Dourado.pdf)>.

Acesso em: 02 mai. 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAFFURI, Evandro Luiz. *Os imigrantes haitianos, seu cotidiano e os processos de territorialização em Cascavel – Paraná*. 2016. Dissertação Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

GOUVÊA, Josiane Barbosa. *Estudo do cotidiano de pequenos produtores rurais no ambiente da feira livre constituída a partir da gestão cooperativa*. 2014. Dissertação Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

GOUVÊA, Josiane Barbosa; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. Alienação e resistência: um estudo sobre o cotidiano cooperativo em uma feira de pequenos produtores do oeste do Paraná. *Revista Gestão & Conexões*. v. 4, n. 1, 2015

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEDEIROS, R. M. V. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. Expressão Popular: São Paulo, 2009, p. 217-227.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, A. E. R. *Territorialidades e redes da migração maranhense nos canaviais paulistas*. 2012. Tese (doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia

---

da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SHIMADA, Nayara Emi. *Trajetórias anônimas no cotidiano da cidade: a territorialização do bairro Santa Felicidade pelos seus moradores*. 2015. Dissertação Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

SANTOS, M. *O espaço do cidadão*. 7ª ed. São Paulo: EDUSP, 2007.

SOJA, Edward W. *The Political Organization of Space*. Washington, D.C., Association of American Geographers, 1971.